

Idade Média: a importância da filosofia e da teologia na configuração da cultura medieval.

por Paulo Faitanin – UFF



Idade Média

1. Introdução: Sob a perspectiva do método histórico-epistemológico gostaríamos de conceituar e apresentar a Filosofia que se desenvolveu durante a Escolástica, período final de uma época que se estendeu por aproximadamente mil anos, que se iniciou no século V, estendendo-se até o século XV e que longe de ser preconceituosa e equivocadamente concebido como ‘Idade Média’, ‘Idade das Trevas’ ou ‘Noite de Mil Anos’, foi, sem dúvida, como opinam os especialistas, uma época sumamente importante para o desenvolvimento do Saber Humano, por ter-se configurado ulteriormente, como berço das revoluções científico-culturais-religiosas, como a Reforma, a Contra-Reforma e o Renascimento Científico-cultural.

2. O caso Galileu: Conta-nos uma renomada historiadora da Idade Média que no tempo em que preparava, nos arquivos nacionais franceses, uma exposição sobre o século de São Luís, ela havia entregue a uma assistente, que aliás ela julgava muito culta, a passagem bem conhecida do Tesouro de Brunetto Latini, onde explicava aos seus leitores, em meados do século XIII, a esfericidade da Terra. “Toma!” disse-lhe a jovem assistente, muito espantada e afirmou: “eu julgava que Galileu tinha sido queimado vivo na Idade Média por ter dito que a terra era redonda”. Atordoada, mas pacientemente, explicou-lhe a cientista que “a frase continha três erros históricos: Galileu não tinha descoberto que a terra era redonda; já se sabia isso há quatro séculos. Depois, ele não tinha sido queimado vivo, mas apenas encarcerado, o que já era uma forma bem pouco cortês de tratar alguém que tinha a coragem de afirmar pela primeira vez que a terra girava em torno do sol. Finalmente, isso não se passou na Idade Média”. Para convencê-la foi necessário que a cientista comprovasse cada um dos fatos; e só assim se convenceu de que estava equivocada. Muito espantada a assistente admitiu que o ‘caso Galileu’, que todos – e cada vez menos - atribuem literalmente à Idade Média, pertence bem ao Renascimento, pois se passa em 1633. Galileu, nascido em 1564, falecido em 1642, era contemporâneo de Descartes; era mais velho do que ele trinta anos, mas morreu apenas dezessete anos antes dele. O caso Galileu deu-se cem anos depois do nascimento de Montaigne [1533], mais de cem anos após a Reforma [1520], quase duzentos anos depois da invenção da imprensa,

finalmente, mais de meio século depois do Concílio de Trento [1547-1563] que se pode, com todo direito, olhar como o corte entre a Igreja medieval e a Igreja dos tempos do Renascimento.

3. Elementos para a configuração da filosofia na Idade Média: Fixar o espaço geográfico onde se desenvolveu a Filosofia Medieval na Idade Média significa esticar a extensão territorial da Filosofia para além da Europa, para além do Mediterrâneo: estender este espaço do Oriente ao Ocidente e do Norte ao Sul do Velho Mundo. Embora os grandes centros de excelência para o estudo da filosofia ficassem na Europa, não conviria limitar estes centros ao Ocidente Europeu. O Oriente possuía os seus.

3.1 Queda do Império Romano: Roma foi fundada em 753 a.C. por Rômulo e Remo em 21 de abril. A queda do Império se dá em 476 d.C. com o último Imperador do Ocidente – Rômulo Augusto. Mas, já a partir de 312 com a incursão vitoriosa de Constantino ao norte de Roma, assinalavam-se o declínio político e enfraquecimento econômico de Roma, em razão das seguidas perdas de províncias e, com ela, guerras, o declínio demográfico, a migração e as epidemias causadas por mercadores e soldados. Mas em meio a esta desavença romana, teve sorte o rei Clóvis – rei dos francos – que se converteu com seu povo à fé católica em 496, estabelecendo união entre francos e romanos. Em 711 os muçulmanos conquistam a Espanha e em 732 Carlos Martel [pai de Pepino, o Breve, que era pai de Carlos Magno, portanto, avô de Carlos Magno], vence os muçulmanos na batalha de Poitiers. O seu ponto culminante se deu com a nova dinastia franca com Carlos Magno [768-814] que foi coroado Imperador na noite de natal de 800, pelo Papa Leão III, instaurando assim o Sacro Império Romano da Nação Franca, o que muito aborreceu os bizantinos. O evento foi de grande importância, pois evidenciava a continuidade básica entre o Império Romano antigo e o medieval. A renascença carolíngia suscitou um novo brilho de cultura – em muito rivalizando com a bizantina e em outras inclusive complementando-se mutuamente, porque ambas eram cristãs, embora de vertentes diferentes. Em 962, a hegemonia Franca cedeu à germânica, que com Oto I formou o Sacro Império Romano da Nação Germânica, a partir de então o profano e o religioso se entrelaçavam e pairava o ideal da Cidade de Deus, já apresentado por S. Agostinho, na sua obra *De Civitate Dei* [413-426]. Nesta obra Agostinho responde a acusação feita pelos pagãos em 410, segundo a qual os cristãos seriam responsáveis pelo abandono do culto aos deuses antigos da cidade e pela derrota de Roma diante dos godos. Como teoria geral se apresentam duas cidades: uma carnal que se baseia na felicidade terrena, no prazer e sua representação bíblica é Caim, fraticida de Abel; e a outra é a cidade espiritual,

que vive no amor de Deus e na espera da felicidade celeste e é representada por Abel, vítima de Caim.

3.2. A ascensão do Império Bizantino: A Fundação de Constantinopla se deu em 330 d.C. por Constantino I que abandona Roma – com a divisão de Roma - como capital e refunda Bizâncio com o nome de Constantinopla. O Império Bizantino durou do séc. IV ao séc. XII [800 anos]; embora, a partir do século XII, já não haja o Império, todos os alicerces, daí em diante, até nossos dias, foram preservados na tradição da cultura bizantina, que sobrevive nas Igrejas e culturas russas, romena, sérvia, macedônica, búlgara e grega.

3.3. Confluências de culturas: Grega, Romana, Germânica, Judia, Árabe, Armênia, Egípcia, Síria. O caminho de todo o saber e cultura a partir do século IV d.C, conflui primeiramente para o leste Europeu, em Constantinopla e se estende posteriormente para todo o oeste Europeu. A teologia, a filosofia, a medicina, a arquitetura, a arte sacra e a música sacra tomam vigores especiais. A ciência, a partir de então, se revigora: a ciência por excelência é a teologia, herança dos cristãos, a filosofia, herança dos gregos, o direito, como herança romana e judaica, a medicina, como herança árabe a matemática grega e egípcia, a arquitetura, românica, germânica e a bizantina etc.

4. A Idade Média: Cabe destacar que o início da Idade Média, como veremos, coincide com alguns fatos históricos importantíssimos: o início da instauração do Império Bizantino [com a coroação do Primeiro Imperador Cristão Constantino I, em 312 em que se dá a transferência da Capital do Império em Roma para Bizâncio, no Bósforo e a publicação do Edito de Milão, em 313, em que se concede liberdade de culto ao cristianismo, estabelecendo prosperidade do IB de 330 até 527 e em que se dá, também, em 534, com a Regra Beneditina, o nascimento do monaquismo ocidental, com a construção de Mosteiros que muito contribuiriam para a produção, preservação e transmissão da cultura filosófica greco-romana, teológica, o cristianismo, científica, botânica, astronomia, biologia, medicina a través de suas bibliotecas, para todo o ocidente e oriente, durante a Idade Média], é o marco do início da queda do Império Romano [cujo processo de queda se instaura já a partir de 392, com a oficialização do Cristianismo e que se desenlaça totalmente em 476, com a deposição do último Imperador Romano, Rômulo Augusto]. Mas, entre a instauração do Império Bizantino no Oriente [330] e a queda do Império Romano no Ocidente [476], ocorre o ressurgimento do Império Romano no Ocidente, a partir de 496 com o rei dos francos Clóvis e tem seu apogeu no estabelecimento do Sacro Império

Romano da Nação Franca, séculos mais tarde com a coroação de Carlos Magno como Imperador, entre os anos de 768 e 814, mediante a qual, a Igreja é submissa ao Estado.

4.1. O que é Idade Média? O primeiro a empregar a expressão ‘media tempestas’ foi o pensador português, bispo de Aleria, João Andréa dei Bussi, em sua edição de Apuleio de 1649. Mas o próprio nome ‘Idade Média’ só foi forjado pela Renascença no século XVI:

[a] *Humanistas*: reagiram com excessiva violência contra a baixa escolástica decadente (séc. XIV-XV) e nela personificaram, injustamente, toda a Idade Média. Francisco Petrarca [1304-1374], poeta, mas não tão bom filósofo e muito menos historiador, foi o primeiro que lançou o conceito da ‘barbárie medieval’.

[b] *Protestantes*: alguns historiadores protestantes procuravam acentuar ainda mais o conceito pejorativo, sublinhando às fictícias diferenças entre a Idade Média e o Humanismo, recém iniciado depois da Reforma. Descrevem a Idade Média como plenamente submetida ao poder tirânico dos Papas. Tribbechov [1641-1689], que afirma serem os escolásticos bárbaros, incultos e soberbos.

[c] *Enciclopedistas*: consideraram a Idade Média um período bárbaro, supersticioso, tenebroso, tirano, escravocrata e estéril. Afirmam isso Diderot [1713-1784], Voltaire [1694-1778], Montesquieu [1689-1755] e Helvético [1715-1771]. A Escolástica [período medieval da formação de escolas de pensadores] representa a tirania do poder eclesiástico sobre o poder socio-político. Isso segundo eles foi herdado da Patrística [Primeiros Teólogos Cristãos que como os pais, buscavam transmitir aos seus discípulos as heranças advindas da tradição apostólica]. Em geral denominavam este período como “Noite de mil anos de obscurantismo ou de recuo da cultura”. Esta terá sido cultivada brilhantemente pela Antigüidade greco-romana até 476 e haverá caído em decadência tenebrosas até o século XV [1450]. A Idade Média haverá sido um túnel escuro. Gótico e Bizantino serão vistos como sinônimos de bárbaro. Caracterizaram-na como um período de superstição [alusão à ciência do sobrenatural – a Teologia], de ingenuidade da mente [alusão à ciência racional – a Filosofia – que ascendia à verdade como instrumento e serva da teologia] e de loucura [alusão à ciência empírica – Ciências físicas, alquimia, biologia etc. – que pautavam suas investigações em teoremas filosóficos].

[d] *Historiografia*: a partir do século XVIII, com a ascensão da paleografia, paleontologia, arqueologia e da historiografia, ainda prevaleceu num primeiro momento a mentalidade pejorativa e pouco informada dos pesquisadores que classificaram a Idade Média como ‘noite de mil anos iluminadas pelas fogueiras da inquisição e entregue às superstições e à bruxaria’. A partir do século XIX até meados do XX, com a influência marxista, observava-se mais a dimensão sócio-econômica e política em detrimento da visão cultural e científica, por estarem atreladas à Fé cristã e a Religião, considerada teórica, utópica e ópio social. Isso sem dúvida contribuiu para não analisar a cultura, a ciência, negar e piorar ainda mais a visão preconceituosa da Idade Média e deixá-la no esquecimento. Mas ainda no século XIX, isso mudaria, com novos estudos que buscavam entender o período no conjunto, e a partir de então, a visão cada vez mais crítica do período, foi melhorando. Não obstante, ainda estamos vivendo um período de descoberta dos valores medievais em Ciência teológica e filosófica e Cultura arquitetônica, lingüística e musical, etc. Em nossos dias duas são as reações: a agressiva que em geral pauta-se numa visão negativa e preconceituosa, marcada pela influência não douta, pejorativa, por ignorância factual ou por soberba intelectual contemporânea das visões anteriores; a outra visão é serena ou positiva, acenando para um interesse e abertura de estudo deste universo ainda tão desconhecido.

4.2. Início e término: O marco inicial da Idade Média é o ano de 476, justamente o ano da queda de Roma e o da ascensão do Império Bizantino. Embora caiba destacar que foi no ano de 778 – ano em que CARLOS MAGNO dirigiu-se aos seus capitulares, aos Bispos e Abades de seu reino, exortando-lhes a erigir escolas para a formação dos eclesiásticos – em que efetivamente se deu o início do desenvolvimento social, político, econômico e cultural na Idade Média, época denominada Escolástica e que se estende até o final do século XIV, com a fundação de Universidades e Hospitais por toda a Europa e tem o seu término no século XV, conhecido como Baixa Idade Média ou Baixa Escolástica. Desta maneira, o Renascimento Carolíngio pode ser considerado como o prelúdio da Escolástica. O término da Idade Média, em Filosofia, foi assinalado por alguns autores a partir da morte do Filósofo NICOLAS DE CUSA (1464), coincidindo com a desagregação da Escolástica e o princípio do Renascimento.

4.3. Divisão: Alta Idade Média [séc. VIII até o séc. X] Escolástica [séc. XI ao séc. XIII] e Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XV].

4.4. Estruturas: Para termos uma idéia positiva da Idade Média com relação ao que lhe aportou a dinastia carolíngia a partir do século VIII até o século IX

e repercutindo ainda até o século XIII, basta considerar como durante este período medieval, denominado Escolástico, as diversas estruturas tiveram uma contribuição positiva [em economia, política, social, cultural e científica – na arte, na teologia, na filosofia, na medicina, na arquitetura e na música], seja em relação ao período anterior, do século IV ao século VII, seja com relação ao período posterior, do século XIV ao XV.

[a] *Estrutura demográfica*: Período de retração na Alta Idade Média [do séc. IV até o séc. VIII]; Período de relativa recuperação no início da Escolástica [séc. VIII ao séc. X], acentuado incremento na Escolástica [séc. XI ao XIII] e Período de retração na Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XVI], em razão de fomes e epidemias.

[b] *Estrutura econômica*: Período de escassez endêmica na Alta Idade Média [do séc. IV até o séc. VIII]; Período de recuperação agrícola, com tendência à auto-suficiência no início da Escolástica [séc. VIII ao séc. X], acentuado crescimento agrícola, artesanal, comercial, cultural e intelectual na Escolástica [séc. XI ao XIII] e Período de depressão generalizada na Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XVI], em razão de fomes, queda do comércio e epidemias.

[c] *Estrutura política*: Período de pluralidade dos reinos germânicos na Alta Idade Média [do séc. IV até o séc. VIII]; Período da reunificação carolíngia no início da Escolástica [séc. VIII ao séc. X], universalismos, particularismos e nacionalismos com a base feudalista na Escolástica [séc. XI ao XIII] e Período de afirmação e constituição das monarquias nacionais na Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XVI], em razão da separação do Estado e da Igreja, pondo fim as formas imperialistas unificadoras.

[d] *Estrutura eclesial*: Período de permanência de modalidades pagãs e formação da hierarquia eclesial na Alta Idade Média [do séc. IV até o séc. VIII]; Período de crescente religiosidade e espiritualidade cristã e relativa dependência ao poder laico no início da Escolástica [séc. VIII ao séc. X], Período de pleno cristianismo e ensaio de uma teocracia na Escolástica [séc. XI ao XIII] e Período de insatisfação com as fórmulas anteriores, numa espécie de angústia coletiva e de dupla crise: nacionalismo e conciliarismo na Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XVI], em razão da separação da Razão e da Fé: surge a ciência racional, em oposição à fé.

[e] *Estrutura social*: Período de enrijecimento da hierarquia na Alta Idade Média [do séc. IV até o séc. VIII]; Período de distinções hierárquicas em Senhores e servos no início da Escolástica [séc. VIII ao séc. X], Período de ordenação

social em Senhores feudais e Burgueses, e oradores, guerreiros e trabalhadores na Escolástica [séc. XI ao XIII] e Período de transição para uma sociedade estamental na Baixa-Idade Média [séc. XIV ao séc. XVI], em razão da sucessiva segmentação social, com a desintegração dos Impérios.

[f] *Estrutura cultural*: dentro desta estrutura destacamos as correntes filosóficas e principais representantes. A filosofia no início do séc. IV até o séc. VIII é denominada *Patrística* e predomina o neoplatonismo cristão; a) Capadócius [Turquia]: S. Basílio Magno [331-379], S. Gregório de Nissa [335-394]; S. Gregório de Nazianzeno [330-390]; b) Gregos: Pseudo-Dionísio Areopagita [séc. V]; S. João Damasceno [675-749]; c) Latinos: S. Ambrósio [335-397]; S. Agostinho de Hipona [354-430]. Os temas teológicos centrais são a Trindade e a Cristologia. A filosofia do séc. IX ao séc. XIII é denominada *Escolástica* que se inicia-se com a re-inserção do aristotelismo no ocidente: Alcuíno de York [730-804]; João Escoto Eriúgena [810-880]; Escolástica incipiente oriental árabe: Al-Kindi [796-874]; Alfarabi [870-950]; Avicena [980-1037]. Em Teologia permanece a predominância dos estudos Cristológicos em razão de afirmar a divindade de Cristo face a negação de Sua divindade pelos árabes e judeus; estuda-se sobretudo o mistério da encarnação; redenção e união hipostática. O Séc. XIII é a Alta Escolástica e é marcada com a presença do aristotelismo no ocidente: São Boaventura [1218-1274]; Santo Alberto Magno [1205-1280]; São Tomás de Aquino [1225-1274]; Na Alta Escolástica permanece a influência árabe: Al-Kindi [796-874]; Alfarabi [870-950]; Avicena [980-1037] e Averróis [1126-1198] e soma-se a influência do pensamento judaico: Avicibrão [1021-1058] e Maimônides [1135-1204]. Em Teologia prevalecem ainda os estudos Cristológicos em razão de afirmar a divindade de Cristo em face da negação de Sua divindade pelos árabes e judeus; estuda-se sobretudo o mistério da encarnação; redenção e a união hipostática; acentuam-se os estudos mariológicos e antropológicos; a angelologia assume também lugar de importância.

4.5. O que é a Filosofia Medieval? §1. *Definição geral*: A Filosofia é a ciência do ser enquanto ser e das causas e princípios de toda realidade. A História da Filosofia é a parte da filosofia que estuda o ser ou a realidade nas várias etapas da História, na medida em que também destaca os principais pensadores. A Filosofia Medieval é a parte da História da Filosofia que estuda a filosofia do período histórico denominado Idade Média. A Filosofia Medieval tem por objeto o estudo do ser e dos princípios da realidade na medida em que foram aplicados para explicar os diversos tipos de saber vigentes naquele período; e, de modo especial, para explicar os temas teológicos, espirituais e religiosos. §2. *Uma polêmica*: A Filosofia que se cultivou na Europa durante os períodos

Patrístico e a Idade Média foi, em grande parte, uma filosofia elaborada por cristãos. Contudo, houve também, a partir do século VIII, uma filosofia de inspiração muçumana e outra produzida por judeus. A herança greco-romana já havia sido posta de lado desde o século V. E isso facilitou o florescimento destas filosofias de inspirações religiosas. Não obstante, é um fato o predomínio de uma filosofia produzida sob inspiração cristã. Talvez, devido a isso, alguns pensadores, como E. Gilson e J. Maritain, propuseram a definição da História da Filosofia Medieval como o estudo da Filosofia Cristã, o que gerou uma controvérsia, pois E. Bréhier e L. Brunschvig, sustentaram que ‘não existiu uma filosofia tipicamente cristã’ neste período. Não nos parece lícito dizer que a História da Filosofia Medieval seja uma História da Filosofia Cristã por esta haver sido mormente cultivada durante este período. Tem certa razão A. de Libera ao dizer que ‘a história da filosofia medieval não é a história da filosofia cristã’, porque ‘são várias as durações: uma latina, uma grega, uma árabe-muçumana, uma judaica’. Contudo, é lícito afirmar que houve efetivamente no epicentro da História da Filosofia medieval o desenvolvimento de uma filosofia própria do cristianismo e que se destacou pela originalidade no tratamento de certos temas teológicos.